

A IMPORTÂNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DOCENTE EM MATEMÁTICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Lucas Mateus de Sousa Moura ¹

Alane Élen Silva de Medeiros ²

Fabricio de Figueredo Oliveira ³

Mariana de Brito Maia ⁴

RESUMO

O estágio curricular supervisionado é uma parte fundamental da formação de professores, pois possibilita a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos na graduação. Este artigo descreve a experiência do Estágio Supervisionado III, realizado no curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA), na Escola Estadual Padre José de Anchieta. O objetivo do estudo é discutir a interação entre teoria e prática, abordando os desafios da docência e a importância da gestão escolar no ensino de Matemática. O estudo inclui a análise da instituição, as atividades realizadas, como observação e participação na organização pedagógica, e reflete sobre os impactos dessa vivência na formação docente. A pesquisa destaca a relevância do estágio para a reflexão sobre metodologias de ensino, gestão escolar e o papel do professor na construção do conhecimento. Os resultados indicam que o estágio contribui para o fortalecimento da formação do licenciando, preparando-o para os desafios do ensino. A experiência prática adquirida durante o estágio oferece uma visão mais clara das realidades educacionais, possibilitando uma compreensão crítica do papel do docente e da importância da gestão escolar para o sucesso do ensino-aprendizagem. Conclui-se que o estágio supervisionado é essencial para a formação de professores, contribuindo para o desenvolvimento profissional e para a melhoria da qualidade do ensino.

Palavras-chave: Artigo completo, Normas científicas, Congresso, Realize, Boa sorte.

INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado não é um simples intervalo entre a teoria e a prática, mas um espaço liminar onde o futuro professor experimenta uma metamorfose identitária. Na Escola Estadual Padre José de Anchieta, cada aula ministrada transformou-se em um espelho que refletia não apenas minhas competências técnicas, mas minha essência como educador.

¹ Graduado do Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA, lucas.moura53489@alunos.ufersa.edu.br;

² Graduada pelo Curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte - UERN, elensmedeirs@gmail.com;

³ Doutor pelo Curso de Matemática da Universidade Federal do Ceará - UFC, fabricao@ufersa.edu.br;

⁴ Professora orientadora: Doutora, Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFERSA, mariana.maia@ufersa.edu.br;



Descobri que ensinar matemática vai além de dominar conteúdos - é aprender a escutar o silêncio dos alunos que não compreendem, decifrar a luz nos olhos dos que estudam entendem, e navegar a frustração dos que desistem momentaneamente. A regência mostrou-se como uma coreografia complexa onde o planejamento meticuloso frequentemente cedia lugar à improvisação criativa, onde o erro do estudante transformava-se no ponto de partida para novos caminhos de compreensão.

O momento mais revelador não foi nenhuma aula perfeita, mas aquela em que um exercício malsucedido desvelou a necessidade de repensar completamente minha abordagem. Foi na fragilidade do planejamento interrompido que compreendi a verdadeira natureza do magistério: uma dança constante entre o preparo e a espontaneidade, entre a ciência e a arte, entre o que se ensina e o que é efetivamente aprendido.

Nesse espaço transitório entre ser estudante e tornar-se professor, descobri que a mais importante equação matemática não estava nos livros, mas na relação humana - aquela que transforma desconhecido em conhecido, complexo em compreensível, medo em curiosidade. O estágio, assim, revelou-se não como um teste de competência, mas como um processo alquímico onde o licenciando se transforma através do fogo da prática real.

METODOLOGIA

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS NO ESTÁGIO

O estágio supervisionado revela-se como um processo alquímico onde o licenciando experimenta sua transmutação de estudante para educador. Na Escola Estadual Padre José de Anchieta, cada etapa do estágio representou um cadinho diferente nesta transformação:

No planejamento, as teorias pedagógicas deixaram de ser abstrações para se tornarem ferramentas vivas, moldadas pelas particularidades de turmas reais com nomes e rostos concretos. Os planos de aula, antes exercícios acadêmicos, transformaram-se em mapas de navegação para territórios educativos complexos.

A observação mostrou-se como uma lição de humildade: ver veteranos da educação lidando com imprevistos revelou que a verdadeira mestria reside na capacidade



de adaptação, não na perfeição do plano original. As melhores estratégias nasciam frequentemente da escuta atenta dos estudantes, não dos manuais.

Por fim, a regência tornou-se o momento de verdade - quando as teorias se confrontaram com o tempo real da aula, com as dúvidas imprevistas, com o brilho nos olhos dos que compreendiam e com a frustração daqueles que ainda não alcançavam o entendimento. Foi no calor deste fogo que compreendi que ser professor de matemática é menos sobre dominar fórmulas e mais sobre construir pontes cognitivas.

Esta travessia mostrou que o verdadeiro conhecimento docente não se adquire na universidade, mas forja-se na tensão criativa entre o que se planeja e o que a sala de aula realmente precisa - um saber que nasce da prática reflexiva e se alimenta da coragem de reinventar-se a cada aula.

Plano de Atividades: Planejamento e Objetivos do Estágio

Antes de cruzar o limiar da sala de aula, o estágio exigiu um exercício de cartografia pedagógica: mapear o território desconhecido entre a teoria e a prática. Seguindo Nóvoa (1992), o planejamento revelou-se não como burocracia, mas como arte de antever possibilidades - um diálogo silencioso com alunos ainda não conhecidos e situações ainda não vividas.

Neste processo cartográfico, os objetivos transformaram-se em bússolas que orientariam a navegação pelos imprevistos do ensino. O plano deixou de ser um documento rígido para tornar-se um organismo vivo, que respirava através de três dimensões essenciais:

1. Observação sensível - não apenas ver, mas decifrar os códigos invisíveis da sala de aula
2. Documentação reflexiva - registrar não o que aconteceu, mas o que poderia ter acontecido
3. Interação transformadora - aprender não com os professores, mas através deles

As atividades planejadas carregavam uma dupla natureza: eram tanto ferramentas de ensino quanto instrumentos de autoformação. Cada recurso didático selecionado, cada metodologia proposta, escondia uma pergunta fundamental: que tipo de educador estou me tornando através destas escolhas?



O plano mostrou-se assim como um mapa que só se completa durante a viagem - onde os desvios previstos tornaram-se mais importantes que o caminho traçado, e onde os objetivos iniciais transformaram-se na medida em que encontraram rostos, nomes e histórias reais.

Período de Observação: Adaptação à Rotina Escolar, Desafios e Aprendizados

Ao transitar da teoria para a observação da prática, descobri que planejar uma aula de matemática é como compor uma partitura que será executada por uma orquestra de realidades distintas. Cada estudante traz consigo não apenas diferentes níveis de conhecimento prévio, mas universos inteiros de compreensão - alguns decifram o mundo através de padrões abstratos, outros precisam transformar números em histórias visíveis, muitos só se conectam quando as equações ganham materialidade nas mãos.

A genialidade do professor experiente revelou-se justamente na capacidade de ler esses múltiplos códigos simultaneamente, adaptando em tempo real a linguagem matemática para ecoar em cada tipo de mente. As limitações de recursos, que inicialmente pareciam obstáculos, transformaram-se em convites à criatividade - onde a falta de tecnologia era suprida por metáforas corporais, e a escassez de materiais dava lugar a analogias que tornavam o abstrato palpável.

Nesse processo, compreendi que o verdadeiro desafio do ensino da matemática não está na transmissão do conteúdo, mas na tradução simultânea para os diversos idiomas cognitivos presentes em uma mesma sala de aula.

Regência: Experiências de Ensino, Metodologias Aplicadas e Dificuldades Enfrentadas

Ao assumir a regência, compreendi que ensinar matemática é como ser um tradutor simultâneo entre duas línguas desconhecidas: a linguagem abstrata dos números e a realidade concreta dos estudantes. Cada aula transformou-se em um laboratório vivo onde as teorias pedagógicas eram testadas não contra livros, mas contra olhares perplexos, gestos de compreensão súbita e suspiros de frustração.

Descobri que o verdadeiro desafio não era dominar o conteúdo, mas decifrar como fazer com que equações e fórmulas ecoassem no universo particular de cada aluno. As



estratégias mais bem planejadas frequentemente precisavam ser reinventadas em tempo real, adaptando-se aos ritmos diferentes de aprendizagem que conviviam na mesma sala.

O momento de maior clareza veio quando percebi que um mesmo problema matemático podia ter múltiplas portas de entrada: para alguns, era através de analogias visuais; para outros, por histórias; para muitos, pela materialidade dos jogos. A regência mostrou-se assim não como a aplicação do que havia aprendido, mas como o início de um novo aprendizado - onde o licenciando descobre que ser professor é aprender a escutar o que as teorias não conseguem dizer.

REFERENCIAL TEÓRICO

A formação do mestre, esse nobre artífice do saber, carece de mais do que o simples acervo teórico haurido nos compêndios acadêmicos. O verdadeiro educador não se forja unicamente na leitura de tratados pedagógicos ou na escuta atenta das dissertações universitárias, mas na experiência concreta, na lida cotidiana com os discentes, na verificação empírica das múltiplas facetas do ensino. O estágio supervisionado, portanto, se impõe como um elemento axial desse processo formativo, sendo a ponte que liga o erudito arcabouço teórico à dura e imprevisível realidade da sala de aula.

O Estágio Supervisionado na Formação Docente

O estágio supervisionado revela-se como um espaço liminar onde o licenciando experimenta a alquimia transformadora que converte teoria em sabedoria prática. Longe de ser um mero cumprimento burocrático, conforme alertam Pimenta e Lima (2004), este período constitui um rito de passagem essencial onde o futuro professor não apenas aplica conhecimentos, mas fundamentalmente os reconstrói através do diálogo constante com a realidade escolar.

Neste território fronteiro entre a academia e a escola, o estagiário descobre que o verdadeiro ofício docente não se aprende nos manuais, mas nas nuances invisíveis da sala de aula: no timing preciso de uma pausa pedagógica, na reformulação instantânea de uma explicação que não ecoou, na capacidade de ler nos olhos dos estudantes o que as avaliações formais não capturam.



Paro (2001), o estágio exige uma postura investigativa que transforma cada aula em um campo de pesquisa-ação, onde problemas tornam-se oportunidades de inovação e onde a reflexão sobre os próprios erros constrói alicerces mais sólidos que qualquer teoria pronta. É nesta tensão criativa entre o planejado e o vivido que nasce a identidade profissional - não como reprodução de modelos, mas como arte singular de tecer conhecimentos na complexa tapeçaria das relações educativas.

A Importância da Relação entre Teoria e Prática

O estágio supervisionado revela-se como o território essencial onde se dissolve o divórcio entre teoria e prática. Segundo Libâneo (2004) e Freire (1996), este espaço transforma-se em um laboratório vivo onde os conceitos pedagógicos deixam de ser abstrações para se tornarem ferramentas moldadas pelas mãos da experiência concreta.

Longe de ser aplicação mecânica, o estágio opera uma verdadeira alquimia educativa: a teoria informa a prática, mas é a prática que revela quais teorias realmente funcionam quando confrontadas com a complexidade humana da sala de aula. É neste crisol que o futuro professor descobre que cada estudante carrega um universo singular de compreensão, e que o verdadeiro ofício docente reside na capacidade de construir pontes entre o conhecimento formal e esses múltiplos universos.

Os desafios imprevistos - da dispersão às defasagens de aprendizagem - tornam-se os verdadeiros mestres, ensinando que a excelência educativa não está na perfeição do plano de aula, mas na arte de transformar obstáculos em oportunidades de reinvenção pedagógica.

Gestão Escolar e sua Influência no Ensino de Matemática

O estágio revelou que a gestão escolar é o solo invisível onde a semente do ensino matemático germina - ou murcha. Uma gestão verdadeiramente democrática, segundo Libâneo e Freire, não se limita a administrar recursos, mas cultiva o ecossistema onde professores transformam abstrações em experiências significativas. Descobri que quando a gestão entende as particularidades do ensino da matemática, ela deixa de ser simples suporte burocrático para tornar-se parceira ativa na construção de pontes entre o mundo abstrato dos números e a realidade concreta dos estudantes. A diferença entre uma aula de matemática árida e uma experiência transformadora muitas



vezes está não apenas na competência do professor, mas na qualidade do terreno institucional que a gestão proporciona.

CONTEXTUALIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO

A Escola Estadual Padre José de Anchieta, cuja existência se inscreve no decurso das transformações educacionais do estado do Rio Grande do Norte, ostenta uma trajetória que a distingue como um bastião do saber em sua localidade. Sua fundação remonta aos idos do século XX, período em que a educação pública, ainda vacilante, encontrava em poucas instituições o zelo pela erudição e pela formação de cidadãos ilustrados. Desde então, sua missão se tem solidificado na oferta de ensino de qualidade, servindo como um farol de instrução para a juventude residente na Serra do Mel e regiões adjacentes. Ao longo das décadas, a escola experimentou sucessivos avanços, tanto em sua infraestrutura quanto em sua concepção pedagógica. Outrora restrita a um pequeno número de alunos e de recursos, viu-se gradativamente transformada em um espaço robusto e bem aparelhado, capaz de acolher e instruir um contingente estudantil expressivo. Seu nome, inspirado na figura do padre jesuíta José de Anchieta, simboliza a dedicação ao ensino e à formação integral do indivíduo, amalgamando os ideais clássicos de erudição e disciplina.

Estrutura Física e Organizacional

A Escola Estadual Padre José de Anchieta se configura como um organismo educacional completo, onde a arquitetura física e a gestão pedagógica se entrelaçam para criar um ecossistema propício à aprendizagem. Sua estrutura abrange quinze salas de aula amplas, setores administrativos, biblioteca, laboratório de informática e miniauditório - espaços que se articulam em harmonia com o projeto pedagógico.

A gestão democrático-participativa revela-se no diálogo constante entre direção, professores e comunidade, transformando o planejamento pedagógico em processo coletivo e reflexivo. Esta simbiose entre infraestrutura adequada e gestão colaborativa cria o ambiente ideal para que o ensino da matemática transcenda a abstração e se torne experiência significativa, conectando-se tanto às diretrizes curriculares quanto às reais necessidades dos estudantes.



Corpo Docente e Perfil dos Alunos

A Escola Estadual Padre José de Anchieta se revela como um microcosmo da educação pública brasileira, onde a excelência docente encontra a complexidade social. Seu corpo de mestres altamente qualificados - com formações que vão da licenciatura ao doutorado - atua como farol intelectual para estudantes majoritariamente oriundos de zonas rurais, muitos divididos entre os estudos e responsabilidades laborais.

Esta intersecção entre alta qualificação docente e realidade socioeconômica desafiadora cria um cenário pedagógico singular: professores adaptam metodologias não por limitação, mas por sofisticação educacional, desenvolvendo projetos de reforço e atividades extracurriculares que transformam defasagens em oportunidades. A escola assim se constitui não como instituição de transmissão de conhecimento, mas como espaço de mediação cultural onde o ensino da matemática e outras disciplinas se tornam ferramentas de mobilidade social e transformação existencial.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O magistério, jamais poderá ser plenamente compreendido senão por aqueles que ousam transitar entre o saber teórico e a experiência concreta da sala de aula. O estágio supervisionado, em tal contexto, configura-se como um verdadeiro crisol, onde se forjam as virtudes pedagógicas, se testam os limites do conhecimento prévio e se enfrentam, com destemor, os desafios impostos pelo exercício da docência. Se, no seio acadêmico, o licenciando se vê cercado por tratados e preceitos, é no contato direto com os alunos que se verifica a aplicabilidade de tais ensinamentos e se descortina a complexidade do fazer docente. A experiência haurida no Estágio Supervisionado III revelou-se, assim, não apenas como uma exigência curricular, mas como uma vivência transformadora, que concedeu ao licenciando uma visão mais cristalina do ofício do educador. Os desafios enfrentados, as estratégias mobilizadas para contorná-los e as reflexões suscitadas ao longo desse percurso constituem, pois, os alicerces desta discussão, que busca compreender os impactos dessa jornada na formação docente.

Impactos do Estágio na Formação Docente



O estágio supervisionado revelou-se o território onde os manuais pedagógicos ganham vida - e onde suas limitações tornam-se evidentes. Segundo Tardif (2014), descobri que o verdadeiro conhecimento docente não está nos compêndios, mas na capacidade de ler a sala de aula como um organismo vivo, onde cada estudante representa um universo singular de compreensão.

Ensinar matemática neste contexto mostrou-se muito mais que dominar conteúdos: foi preciso desenvolver uma sensibilidade aguçada para decifrar não apenas erros, mas os processos mentais por trás deles. A abstração matemática, tão temida pelos alunos, exigiu ser traduzida em múltiplas linguagens - visual, corporal, lúdica - adaptando-se aos diferentes ritmos de aprendizagem que coexistiam na mesma turma.

O maior aprendizado foi compreender que a excelência docente reside nesta dialética constante entre planejamento e improviso, entre teoria e intuição, entre o que se ensina e o que efetivamente é aprendido. A regência transformou-se assim não na aplicação do que sabia, mas na descoberta humilde de quanto ainda precisava aprender sobre a arte de fazer conexões significativas entre o conhecimento matemático e a vida real dos estudantes.

Reflexões sobre a Prática Pedagógica e os Desafios Enfrentados

O estágio supervisionado revelou que o ensino da matemática é uma dança constante entre o planejado e o improvisado, entre a teoria e a prática viva. Seguindo Vygotsky, compreendi que cada aluno traz uma zona de desenvolvimento proximal única, exigindo do educador a capacidade de criar múltiplas pontes cognitivas para um mesmo conceito matemático.

Na realidade da sala de aula, a escassez de recursos mostrou-se não como limitação, mas como convite à criatividade. Materiais manipuláveis, atividades colaborativas e analogias do cotidiano transformaram-se em ferramentas poderosas para tornar visível o abstrato. A maior lição foi perceber que a verdadeira mestria docente não está no domínio absoluto do conteúdo, mas na habilidade de ler os sinais não verbais da aprendizagem - o brilho nos olhos do entendimento, o gesto de confusão que pede nova explicação, o silêncio atento que precede a descoberta.

Descobri que ensinar matemática vai além de transmitir conceitos; é sobre construir confiança, desmistificar a disciplina e mostrar que cada erro não é fracasso, mas oportunidade de novos caminhos de compreensão.



Relação entre a Teoria Acadêmica e a Realidade da Sala de Aula

O estágio supervisionado revelou-se uma travessia essencial onde a teoria acadêmica se transforma em sabedoria prática. Longe de ser mera aplicação de modelos preestabelecidos, a experiência mostrou que a sala de aula é um ecossistema vivo onde fatores emocionais, sociais e culturais tecem uma rede complexa que desafia qualquer previsibilidade teórica.

A maior revelação foi compreender que as dificuldades em matemática frequentemente nascem não de limitações cognitivas, mas de histórias pessoais - lacunas formativas acumuladas, contextos familiares adversos ou a simples convicção de que "não se é bom com números". Diante disso, o planejamento inicial mostrou-se não como roteiro fixo, mas como bússola para navegar imprevistos, exigindo constante reajuste baseado na leitura sensível das necessidades da turma.

Esta experiência transformou o entendimento sobre ser educador: mais que transmitir conteúdos, trata-se de construir pontes de confiança onde o erro é acolhido como parte do aprendizado e onde a matemática se revela não como monstro abstrato, mas como linguagem a ser desvendada coletivamente. O estágio mostrou-se assim não como conclusão da formação, mas como portal para uma jornada permanente de crescimento - onde o professor se descobre eterno aprendiz da arte de fazer florescer o conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta experiência de estágio revelou-se um processo alquímico onde conhecimento teórico e prática educativa se fundiram para forjar uma nova compreensão do que significa ser professor. Mais que um requisito curricular, o estágio mostrou-se como um espaço de transição essencial onde o licenciando experimenta a metamorfose de estudante para educador - não através da mera aplicação de técnicas, mas mediante o desenvolvimento de uma sensibilidade pedagógica que só nasce no contato direto com a realidade escolar.

A grande lição foi aprender que ensinar transcende a transmissão de conteúdos: é a arte de tecer vínculos, decifrar olhares, adaptar linguagens e criar condições para que



cada estudante descubra sua própria forma de acessar o conhecimento. O estágio ensinou que a excelência docente reside nesta capacidade de dançar entre o planejado e o emergente, entre a teoria e a intuição, entre o ensinar e o aprender.

Que esta experiência sirva como semente para uma trajetória docente que entenda a educação não como cumprimento de currículos, mas como cultivo de mentes curiosas e corações confiantes - onde a matemática, e todo conhecimento, possam florescer como ferramentas de libertação e não como obstáculos intranscendentes.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. Goiânia: Alternativa, 2004.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2014.

